

Na pele: Uma Aula de Fotografia e Invisibilidade Pública¹

Weverton Velasco DAVID²

Fábio Faria PIRES³

Marcela Fernanda PAVÃO⁴

Universidade do Estado de Mato de Mato Grosso, Alto Araguaia, MT

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a relação entre a fotografia artística como memória social (KOSSOY, 2008) e a discussão acerca da invisibilidade pública, tendo por base uma experiência etnográfica desenvolvida durante as aulas de Antropologia e Comunicação. Busca-se, por meio do travestimento da figura do professor universitário como gari: redesenhar o espaço pedagógico para além dos muros universitários, mas, principalmente, repensar determinadas relações sociais das quais o preconceito e a discriminação imperam enquanto aspectos desqualificadores. O ensaio fotoetnográfico foi realizado no parque municipal de Alto Araguaia, em meio à presença de um público e a certeza de que há muito ainda a se discutir sobre inclusão social na agenda midiática burguesa do Brasil (Globo, Folha de S. Paulo, Veja).

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; invisibilidade pública, etnografia.

1 Um retrato inicial acerca da fotografia artística

*“A minha alma tá armada
E apontada para a cara
Do sossego
Pois paz sem voz, Paz sem voz
Não é paz, é medo”
(A minha alma, O RAPPa)*

Numa primeira abordagem deste trabalho, julgamos por necessário a citação desta música do grupo O Rappa, A minha alma, cuja representação social revela o cotidiano do perfil de indivíduos que pretendemos registrar sob novas lentes. O intuito é propor uma tomada de consciência por parte da população em geral em relação a determinadas profissões, consideradas subempregos por não deterem prestígio social por razões de rendimento econômico, questões históricas e políticas. A música cantada pelo vocalista

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria PT04 Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: wevertonvelasco.D@hotmail.com.

³ Estudante do 3º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: fabiopires46@live.com.

⁴ Estudante do 3º Semestre do Curso de Jornalismo, email: marcelapavao1@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unemat. Coordenador-geral da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS), vinculado ao Centro de Pesquisa de Alto Araguaia (CEPAIA). Pesquisador da rede Folkcom, email: lawrenberg@gmail.com.

Marcelo Falcão institui como um tapa na cara da sociedade brasileira, caracterizada por uma série de desigualdades socioeconômicas e uma falsa bandeira no que diz respeito a noção de democracia racial e social. De certa maneira, o trecho da música refere-se à população mais exposta às condições de vulnerabilidade social, às quais são vistas com olhares preconceituosos por parte da comunidade e são ignorados a partir dos parâmetros, na maioria das vezes, criados e impostos de forma silenciosa pela mídia televisiva.

Nesta mesma linha, o seriado “Cidade dos Homens” e o filme “Cidade de Deus” abordam questões pertinentes ligadas à exclusão social. Para tanto, buscam retratar a vida e o cotidiano dessas classes marginalizadas que precisam lidar com todos os problemas de uma sociedade, envolvendo as esferas políticas e econômicas do país.

Outra importante obra que faz referência a assuntos coletivos é o documentário “Lixo Extraordinário” (LUCY WALKER, 2010). Refere-se ao maior aterro sanitário da América Latina, onde há pessoas que vivem do lixo, quebrando todos os tabus. Eles têm a oportunidade de não só mostrar o que faz com o material reciclado, mas também superando todas as expectativas dos produtores do documentário em relação à ótica social que eles possuem.

Segundo Fernando Braga da Costa (2004), a invisibilidade está ligada a diversos fatores. Um deles é a posição social que ocupa, refletindo diretamente em baixos salários, espelhando nas profissões pouco notadas no dia a dia, como, por exemplo: faxineiras, seguranças e garis. São profissionais que exercem papéis imprescindíveis na sociedade, porém perdem o seu valor como ser humano a partir do momento que são rotulados até mesmo pelo que vestem.

Consequentemente, estas pessoas passam por despercebidas aos olhos de quem está convivendo com elas. Em sua tese de doutorado, Braga (2004) explica que ao mesmo tempo em que isto ocorre, as pessoas não têm o menor reconhecimento: “quem não é visto, não é reconhecido”.

Quis estimar traços sociais e psicológicos assumidos por uma forma de trabalho não-qualificado e subalterno: o trabalho de garis. Discutimos problemas de *humilhação social* ali reconhecíveis, especialmente aquele então designado como *invisibilidade pública* (problema singular que polarizou toda a investigação). O pesquisador testemunhou muitas vezes o fato de que os garis não simplesmente padeciam pancadas de humilhação social, mas respondiam aos golpes: ressentindo, conversando e agindo. As ações nunca alcançaram a figura plena de reações coletivas politicamente organizadas. (BRAGA, 2004, p. 05).

Ao identificarmos esta problemática da marginalidade social, também constatamos que, por outro lado, a fotografia enquanto registro veio a se transformar em um veículo de propagação tanto negativa quanto positiva destes segmentos. Negativa no sentido de criminalizar e estigmatizar determinados comportamentos, indivíduos, grupos e categorias profissionais. Mas positiva quando rompe com qualquer leitura hegemônica imposta de cima para baixo, desconstrói estéticas vigentes e propõe novas perspectivas de pensamento acerca de fenômenos.

Apostando numa linha positiva, isto é, reificada por um discurso de assunção de protagonismo e de ativismo midiático (TRIGUEIRO apud MELO; FERNANDES, 2013), o no ensaio intitulado Na pele sugere uma inversão de valores, na medida em que fotografa e elege a representação do gari como capa de calendário. Trata-se de um trabalho fotoetnográfico desenvolvido na disciplina de Antropologia e Comunicação, do curso de Jornalismo da Unemat de Alto Araguaia, interior de Mato Grosso.

No nosso trabalho, a fotografia exerce o caráter de documento e evidência da arte, validade racional e outros sentidos que são muito usados nas fotografias artísticas contemporâneas.

Esta abordagem significa que o ato da criação artística começa muito tempo antes de a câmera ser efetivamente fixada na posição adequada e de a imagem ser registrada, uma vez que se inicia com o planejamento da idéia criativa. (COTTON, 2010, p.22)

2 OBJETIVO DO TRABALHO

O presente trabalho tem por objetivo romper, a partir da fotoetnografia, com determinadas percepções sociais sobre profissões marginalizadas historicamente na sociedade brasileira e araguiense. O que, por outro lado, significa identificar via experiência fotográfica e etnográfica diversas formas de preconceito e discriminação social. Neste sentido, a fotografia se transformando num instrumento de consciência social.

3 JUSTIFICATIVA

No Brasil, o mercado de trabalho acaba sendo mais um lugar-comum da reprodução de mazelas sociais históricas, entre elas, as que envolve a superestimação de algumas categorias profissionais em detrimento das outras. Trata-se de um problema estrutural que, em tempos de modernização das relações socioeconômicas, determina novas formas de exclusão no espaço urbano, principalmente para aqueles profissionais que não detém uma especialização ou

mesmo uma formação em ensino superior. Essas formas de exclusão atingem diretamente profissões velhas e que exploram a mão-de-obra braçal, tornando-as invisíveis. E, no presente trabalho, explora-se uma dessas profissões, a de gari, a partir da exploração fotoetnográfica, caracterizada por uma imersão de campo com base em registros visuais. (BORGES, 2015)

A temática Na Pele: Uma Aula de Fotografia e Invisibilidade Pública partiu do pressuposto de uma análise no cenário brasileiro em reflexão ao grupo de indivíduos que são denominados de classes inferiores, pelo nível de escolaridade ou pelos uniformes de trabalho. Estes são vistos como invisíveis aos olhos da sociedade em geral, quando não sofrem algum tipo de humilhação social.

4 Métodos e técnicas do Ensaio Na Pele

Para realização do presente trabalho, foi utilizado uma câmera Canon t3 e objetiva 18-135mm. A todo instante a câmera foi utilizada no modo manual, para que pudesse obter maior exploração dos dispositivos: ISO, diafragma e obturador.

A proposta da imersão fotoetnográfica foi desenvolvida na disciplina de Antropologia e Comunicação, sob o intuito de refletirmos padrões impostos pela sociedade sobre profissões marginalizadas pela comunidade local e a mídia.

Escolhemos o Parque Municipal de Alto Araguaia por ser um local que tem bastante pessoas e é frequentado por todos os públicos, isto é, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Sendo assim, poderíamos analisar de forma mais crítica e presencial os aspectos, preconceitos e a invisibilidade pública, infelizmente não tratada com a devida atenção pela sociedade e mídia televisiva.

O ensaio foi feito no mês de junho do ano de 2015, no período vespertino, pelos alunos do primeiro semestre, dispostos a observar de forma sistêmica todo o contexto social. O professor alocou o uniforme de gari junto à prefeitura.

Durante as fotos, as condições climáticas do tempo estavam favoráveis, uma vez que o ambiente estava bastante iluminado. O ensaio teve duração de 3 horas e meia, com um total de 15 fotos.

Após o ensaio, houve uma reunião de pós-produção, onde professor e alunos fizeram um balanço da experiência no parque. Depois disso, desenvolveu-se no laboratório a arte do calendário com a melhor foto do ensaio, a partir do software Corel Draw X6. Esta eleição deu-se de forma aberta, com votos não somente dos envolvidos no ensaio, mas também com os demais estudantes do curso de Jornalismo de Alto Araguaia.

5 O Calendário Na Pele: para outras percepções sociais

A primeira impressão do calendário é, justamente, a fotografia policromática do gari. Nela, há um plano contra-mergulho ou contra-plongée do personagem investido de autoridade. O contra-mergulho é caracterizado geralmente quando a câmera está posicionada de baixo para cima. Neste caso, optamos por tal plano com o objetivo de, em uma perspectiva de valores, enaltecer a figura do gari, cuja profissão é, historicamente, marginalizada numa sociedade ligada a valores padronizados e arraigados oriundos da burguesia.

A arte da fotografia aqui também sugere vários sentidos colocados no mundo artístico, e, ao mesmo tempo, torna-se obra de arte e legado para os profissionais contemporâneos. Isso funciona quando, segundo Cotton (2010: p.22):

Citar esses momentos históricos do fazer artísticos não equivale a dizer que atualmente ainda vigore a mesma dinâmica entre a arte de vanguarda e a fotografia. Ao contrário, significa sugerir que a ambiguidade com a qual a fotografia se posicionou no universo da arte, ao mesmo tempo como documento de um gesto artístico e como obra de arte, é o legado imaginativamente usado por alguns profissionais contemporâneos.

Diferente dos calendários de oficina com mulheres seminuas ou de salão de beleza com bombeiros sarados, a perspectiva aqui reflete em novos protagonismos, transferindo o status espetacularoso, então destinado às celebridades e subcelebridades, para também gente comum e considerados subcidadãos.

Se para a sociedade é difícil olhar para um gari, suponhamos se ele representasse, em um calendário, classes sociais marginalizadas, estampando a imagem de um varredor de rua, objeto simples porém um material visual presente cotidianamente, dia a dia, semana a semana, mês a mês, semestre a semestre. Convertendo o gari, um personagem pouco notório da rotina de cada cidade, num personagem superpresente, seja suspenso na geladeira da cozinha, sobre a estante ou mesa do escritório; enfim, espalhado em todos os lugares da casa.

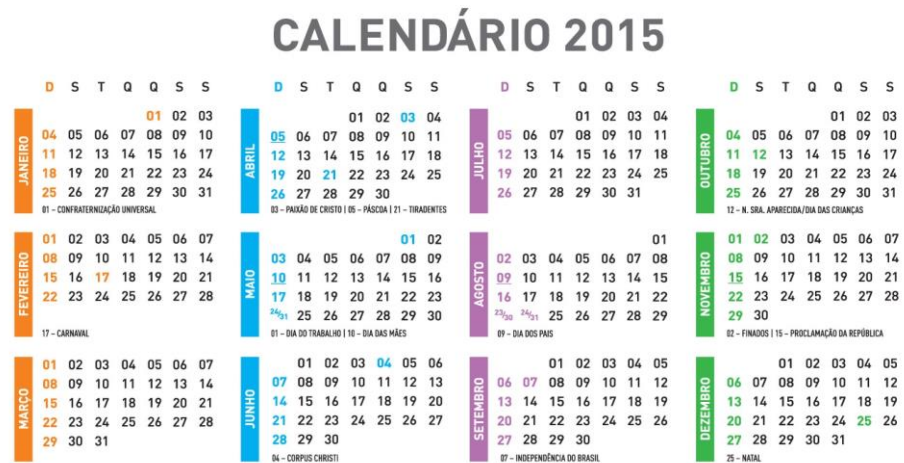


Fig. 1: Calendário do gari. Uma inversão de valores.

6 Considerações sobre o ensaio Na Pele

Nesta experiência, podemos entender como evidência o preconceito exercido pela sociedade em relação às camadas sociais desabastadas historicamente. O local também foi de extrema importância para que pudéssemos ter visão, em meio a tantos olhares direcionados para a figura do gari; olhares de pessoas comuns que se encontravam no parque em momento de lazer que não escondiam uma indiferença. A maior parte destas pessoas reagiram durante todo o ensaio com muita surpresa, enquanto outras sorriam.

A ação fotográfica, em certa medida, acabou se configurando como uma intervenção artística, de forte apelo social. Afinal de contas, o protagonista da vez era justamente um dos trabalhadores mais conhecidos das ruas e, ao mesmo tempo, ignorado. É importante frisar que todos os envolvidos participaram direto ou indiretamente da intervenção, desde fotografando a esclarecendo para quem passava o teor do ensaio. Houve, inclusive, a reação de uma criança bastante espontânea e virtuosa, quando esta tenta colaborar com o gari na coleta de lixo.

Nesta perspectiva, conseguimos também colocar em prática domínios da linguagem fotográfica por meio de referencial teórico de autores como Boris Kossoy, Roland Barthes, Charlotte Cotton, dentre outros, utilizando a fotografia artística como caráter documental. Além disso, fazendo paralelo entre fotografia artística como memória social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORGES, D. Ronaldo. **Trabalhadores invisíveis**: um retrato social de Alto Araguaia. 2015.

COSTA, F. B. da. **Moisés e Nilce**: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante em entrevista. São Pulo, 2008.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. São Paulo: Editora WMF, 2010.

CUSTÓDIO, M. F. **minha alma** (a paz que eu não quero), 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e historia**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TRIGUEIRO, O. M. **Do líder de Opinião ao Ativista Midiático segundo Osvaldo Trigueiro**. In: MELO, J.M.; FERNANDES, G.M (Orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação: Antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

Apêndice

